



Notas teóricas e metodológicas sobre o mapeamento participativo dos terreiros de Juazeiro/BA: um fomento à comunicação via geoprocessamento de dados¹

Paloma Cristina da Silva SOUZA²

Cássio Pereira COSTA³

Amanda Costa RODRIGUES⁴

Simara Soares NUNES⁵

Brenda Maurício de OLIVEIRA⁶

Céres SANTOS⁷

Márcia Guena dos SANTOS⁸

Resumo expandido

Neste artigo apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos que têm norteado a pesquisa Imagens e histórias das religiões de matriz africana de Juazeiro/BA, na qual fazemos um mapeamento participativo dos terreiros de Candomblé e Umbanda de Juazeiro/BA, cujos dados estão sendo georeferenciados e alimentados em um aplicativo para *smartphones*, o *SmartChico*. Com esta Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), daremos visibilidade à presença secular dessas religiões na região e contribuiremos com o combate ao racismo religioso. Juazeiro é uma cidade de grande concentração de população negra: 73%, segundo o Instituto Brasileiro e Geográfico (IBGE, 2010). Porém, o racismo continua violentando e invisibilizando os terreiros, suas histórias e o papel que exercem na construção da memória negra do município, como constatamos através das agressões sofridas por terreiros da região, amplamente divulgadas pela imprensa local

¹ Trabalho apresentado IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, na XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da DCHIII-UNEB, e-mail: palomacristina0705@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da DCHIII-UNEB, e-mail: cassiozeroito@outlook.com.

⁴ Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Jornalismo da DCHIII-UNEB, e-mail: amanda.rodrigues@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Pedagogia da DCHIII-UNEB, e-mail: simara.snunes@gmail.com.

⁶ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Pedagogia da DCHIII-UNEB, e-mail: brendamauricio@hotmail.com.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo em Mídias do DCHIII-UNEB, e-mail: cerasantos3@gmail.com.

⁸ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo em Mídias do DCHIII-UNEB, e-mail: marciaguena@gmail.com.



(SANTOS, 2018; MARQUES, 2021, COMPIR, 2021) e dos dados de duas pesquisas de iniciação científica, coordenadas pelas professoras orientadoras deste projeto, que apontaram para a invisibilidade do tema em *blogs* e jornais da região (SÁ e JESUS, 2022; SANTOS, 2022). Não existem registros que identifiquem estes espaços religiosos em um contexto urbano institucional, capaz de contribuir com a história da ocupação negra do território. Como metodologias empregamos a revisão bibliográfica da história do Candomblé no Brasil e na Bahia; mapeamento participativo; o geoprocessamento de dados; a técnica da bola de neve (*snowball*), para localizar os terreiros da região; entrevistas e questionários fechados; *podcasts*, imagens e vídeos, para construção de suas histórias e memórias, com posterior transferência de dados para o aplicativo *SmartChico*, disponível para *Android*. As informações coletadas estão sendo agregadas a esse aplicativo, desenvolvido para replicar *geoart*, geocultura e geoturismo. Agora, o *SmartChico* teve sua finalidade ampliada para incorporar os dados dos terreiros de Juazeiro. Ele é de fácil acesso, apresenta um *design* simplificado e atraente, contribuindo para que o público tenha acesso fácil às suas funções. Desenvolvido por Cecílio Bastos, Luiz Adolfo de Andrade, Ubirajara Lima, Monica Farias, Andressa Silva, Ingrid Hayara e Lívia Santos, o aplicativo implementa o geoprocessamento para análise e distribuição das informações e de locais indicados, tendo um sistema de informação geográfica específico: o *Big Eyes* (BASTOS e ADOLFO, 2017). O aplicativo abrange 10 cidades do Sertão do São Francisco e incorpora pontos turísticos e históricos. As informações, imagens e *podcasts* alimentam o aplicativo, que pode ser baixado através do serviço de *download* do Google. Nesta proposta, o *SmartChico* oferece informações como os nomes dos babalorixás e das yalorixás (autoridades religiosas de um terreiro), localidade, imagens, histórias, calendário de festividades etc. O/a usuário/a pode fazer o *download* do aplicativo e identificar, por exemplo, nas características do terreiro que pretende visitar, a qual nação religiosa pertence, de acordo com a sua origem africana (Jeje, Bantu ou Ketu, por exemplo, segundo a tipificação de SANTOS, 1986). A invisibilidade urbana dos terreiros pode ter, no mapeamento participativo, uma importante ferramenta de realocação e reconhecimento no espaço. Esta metodologia se encaixa na perspectiva de uma cartografia social, pois o grupo participa da elaboração do mapa opinando e definindo categorias, muito distante das práticas cartográficas elaboradas sem qualquer conhecimento do grupo que integra o território. Pressupõe, portanto, etapas de participação, através de oficinas (SANTOS, 2011). Para isso, nos articulamos com instituições, como o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de



Juazeiro/BA (COMPIR) e nos ancoramos no Estatuto de Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa de Juazeiro/BA. Os mapeamentos são importantes na definição de políticas públicas, na implantação de equipamentos urbanos ou, mesmo, nos processos de tombamento. Esse método possibilita identificações particularidades de cada espaço religioso: se são liderados ou não por mulheres; se sofrem com a intolerância religiosa; a quantidade de filhos/as de santo; datas comemorativas (HERLIHY; KNAPP, 2003 apud ACSELRAD; COLI, 2008). As cartografias trazem, na sua história, disputas de poder e controle do saber que caracterizam as lutas por dominação de territórios e do conhecimento dos povos colonizados. Na cartografia contemporânea vários autores/as têm discutido essa dimensão, atribuindo novos papéis à cartografia, que passam pelo domínio da técnica e das tecnologias pelos grupos em estudo, para que possam se auto representar nos espaços cartográficos. Santos (2011) informa que essa metodologia foi utilizada nas construções de cartografias das religiões de matriz africana em Salvador/BA e no Rio de Janeiro/RJ, mesma metodologia empregada nesta pesquisa. As motivações também são semelhantes: a reafirmação da herança africana do território, expressa na existência desses templos religiosos. Segundo Rosa (2013), o Geoprocessamento, outra ferramenta utilizada neste projeto, é a junção e análise de dados geográficos combinados aos auxílios tecnológicos. Com isso, apresenta informações sobre determinado local. Os dados são armazenados em um *software*, o SIG. Já os dados que alimentam o aplicativo estão sendo obtidos através da técnica da Bola de Neve - *Snowball* - (BALDIN e MUNHOZ, 2011, p.332), muito adequada para ser aplicada em ambientes comunitários, pois os/as participantes iniciais do estudo contribuem indicando novos/as participantes e, sucessivamente, indicarão outros/as até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). Essa técnica funciona, inicialmente, como um tipo de amostra não probabilística, que opera em redes, ou cadeias de referência. Assim, as visitas, que têm sido organizadas por bairro, são otimizadas pois as lideranças religiosas têm um conhecimento profundo de seus territórios, colaborando com a identificação de outros terreiros. Realizamos também uma revisão teórica sobre a formação do Candomblé no Brasil e na Bahia, bem como uma revisão do conceito de racismo religioso. Os Candomblés se formam no Brasil através do encontro, forçado, de vários povos e culturas africanas, na condição de escravizados, recriaram suas crenças em um novo espaço, no terreiro de Candomblé. Juana Elbein dos Santos (1986) descreve as principais nações originárias do Candomblé na Bahia, e as localiza e relaciona com manifestações em África. Júlio Braga (1995) aborda a resistência dos povos de terreiro em relação à



discriminação por parte das religiões cristãs e da perseguição policial. Roger Bastide (1971) trata do apagamento histórico do povo negro, a importância da fé da cosmogonia africana. Já Manuel Quirino (2006) reflete sobre sincretismo religioso. As fontes sobre a história das religiões de matriz africana na região do Vale do São Francisco são escassas e recentes e alguns trabalhos atuais sobre as casas de terreiros e, em sua totalidade, foram produzidos no âmbito acadêmico (MARQUES e NOVAES (2015), JESUS, SOUZA, SANTOS e SANTOS(2020). Para compreender as exclusões e violências sofridas pelo povo de terreiro recorreremos ao conceito de racismo religioso, como um dos tentáculos do racismo estrutural (OLIVEIRA, 2021). Segundo Nogueira (2020), o racismo religioso condena a relação entre a crença religiosa e sua origem negra, africana, incidindo sobre toda a forma de expressão dessas religiões. Ele pode ser estendido às religiões indígenas, todas alvo de intensos ataques violentos, com vários registros no território onde desenvolvemos essa pesquisa. Esse projeto ainda está em execução, mas temos algumas inferências preliminares. Ainda não é possível precisar o número de terreiros de Candomblé e de Umbanda, mas estimamos em mais de 40 e o fato desses estabelecimentos estarem, em sua maioria, nas regiões periféricas da cidade, remete a outro tipo de racismo: o ambiental, que empurrou as populações negras e indígenas para as áreas com precária estrutura urbana. O racismo ambiental, termo cunhado por Benjamin Franklin Chavis Jr., em 1981, “é a discriminação racial no direcionamento deliberado de comunidades étnicas e minoritárias para exposição a locais e instalações de resíduos tóxicos e perigosos, juntamente com a exclusão sistemática de minorias na formulação, aplicação e remediação de políticas ambientais” (CHAVIS jr. apud RIBEIRO, 2019), Acreditamos que a visibilização pode representar estratégia de resistência, principalmente quando amparadas por políticas públicas e, aí, revelando a importância da geolocalização. No total já visitamos, até a finalização deste artigo, 14 terreiros. O conhecimento já coletado vai desde as vivências dos/as religiosos/as, passando pela relação com a fé e experiências pessoais, falas de adeptos/as e simpatizantes que contribuem para estruturar as informações veiculadas ao público. Constitui um combate à desinformação com a produção de conhecimento a partir da valorização das falas daqueles/as que vivenciam essa realidade.

Palavras-chaves: Mapeamento participativo; Geoprocessamento; Religiões de matriz africana; Juazeiro (BA); SmartChico.



Referências:

- Acelrad, Henri e Coli, Luiz Regis. **Disputas cartográficas e disputas territoriais**”. In Acelrad, H. Cartografias Sociais e Território. Instituto de Planejamento Urbano e Regional. (IPPUR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2008.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. JÚNIOR, Emmanuel de Almeida Farias. **Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social**. Manaus: UEA edições, 2013.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018.
- BALDIN, Nelma, MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf. Acesso em: 3 jan 2021.
- BASTOS, Cecílio Ricardo de Carvalho. **Cartografia urbanográfica no sertão do São Francisco: uma proposta infocomunicacional a favor da articulação de novos espaços de arte e educação**. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação). Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2007.
- BIBLIOTECA VIRTUAL CONSUELO PONDÉ**. Disponível em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=22>. Acesso em: 10 out 2021.
- BRAGA, Júlio. **Na Gamela do Feitiço: repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia**. EDUFBA, Salvador, 1995.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 6ª edição 147, 1978.
- COMPIR. Conselho da Promoção da Igualdade Racial de Juazeiro reflete sobre a importância do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Blog Preto no Branco, 21 de janeiro de 2021. Disponível em <https://pretonobranco.org/2021/01/21/conselho-da-promocao-da-igualdade-racial-de-juazeiro-reflete-sobre-a-importancia-do-dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa/>. Acessado em 23 abr 2022.
- ESTUDOS AVANÇADOS. **A luta segue por novos caminhos**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WkFDzdxth8d3hq8cH9km5kN/?format=html>. Acesso em: 11 out 2021.
- GLEDHILL, Sabrina. **Velhos respeitáveis: notas sobre a pesquisa de Manuel Querino e as origens dos africanos na Bahia**. História Unisinos, número 14, Volume 3, 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/4732/1957>. Acesso em: 07 mar 2022.
- JESUS, Marcus Vinicius Gomes de. SOUZA, Paloma Cristina da Silva. **O papel da oralidade no livro-reportagem do Terreiro Ylê Asé Ayrá Onydancor**. Intercom – Sociedade Brasileira



de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 43º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020. Disponível em: [R15-0064-1.pdf \(portalintercom.org.br\)](https://portalintercom.org.br). Acesso em: 6 abr 2022.

JR, Aurélio Viana. **O reencantamento da cartografia**. Le Monde Diplomatique Brasil, Junho de 2009.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **Educação e Trabalho**; raça e classe no pensamento de um intelectual negro: Manuel Querino - Bahia (1870-1920). Revista Brasileira de História da Educação (v.20, 2020) Dossiê. pp. 3- 27. Disponível em: ["https://www.scielo.br/j/rbhe/a/vnJWvgyckCH3XpDVP65Dcm/?lang=pt&format=pdf"](https://www.scielo.br/j/rbhe/a/vnJWvgyckCH3XpDVP65Dcm/?lang=pt&format=pdf) & HYPERLINK. Acesso em: 16 out 2021.

MARQUES, Cinara. Intolerância religiosa: terreiro de candomblé é destruído em Juazeiro-Ba. **Tribuna Nordeste**, 17 de setembro de 2021.

Disponível em: <https://www.tribunanordeste.com.br/2021/09/17/intolerancia-religiosa-terreiro-de-candomble-e-destruido-em-juazeiro-ba/>. Acessado em 24 abr 2022. **MUSEU AFRO BRASIL. Mestre Didi (Deoscóredes M. dos Santos)**. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2016/04/07/mestre-didi-deoscoredes-m-santos>. Acesso em: 04 mar 2022.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2020, p 160. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

QUIRINO, Manuel. **A Raça Africana e os Seus Costumes na Bahia**: P 555, 2006. p 96.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. Perfis de Mestres. Revista Estudos Avançados, av. 8 (22), dezembro de 1994. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/rtCxNsYrSqzZNe5zN5dB9rK/?lang=pt>. Acesso em: 10 out 2021.

RIBEIRO, Stephanie. Racismo ambiental: o que é importante saber sobre o assunto. Geledes, 15 de outubro de 2019, Disponível em https://www.geledes.org.br/racismo-ambiental-o-que-e-importante-saber-sobre-o-assunto/?gclid=CjwKCAjwx46TBhBhEiwArA_DjFqvTEhZ7A7UVnDiXEcLedKCeFnkUdRNIiipwUlf3g2JRO4xUOKLxoCWOoQAvD_BwE. Acessado em 23 abr 2022

RAMOS, Cleidiana. Entrevista Júlio Braga: “**Sou criança em relação a esse mundo milenar**”. Geledés, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entrevista-julio-braga-sou-crianca-em-relacao-esse-mundo-milenar/>. Acesso em: 05 out 2021.

ROGER, Bastide. **As religiões Africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. 1971.

ROSA, Roberto; BRITO, Jorge Luis Silva. Introdução ao geoprocessamento. **UFU: Apostila. Uberlândia**, 2013.

Disponível em: [Apostila Geop_rrosa \(cetesb.sp.gov.br\)](https://cetesb.sp.gov.br/Apostila_Geop_rrosa). Acesso em: 17 nov de 2021.

SÁ, Ana Luiza. JESUS, Marcus Vinicius Gomes de. **Intolerância religiosa contra os Terreiros de Candomblé nos jornais O Diário da Região e A Notícia do Vale, de Juazeiro/Ba**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís - MA – 30/05 a 01/06/2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1502-1.pdf> Acesso em: 6 abr 2022.

SANTOS, Ceres et. al. . Blogs de Petrolina/PE e Juazeiro/BA e o tratamento de pautas raciais. **ComSertões**. Revista de Comunicação e Cultura do Semiárido. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/issue/view/590/Revista%20Comsert%C3%B5es>. Acessado em 23 abr 2022.

SANTOS, Gil. Terreiro de candomblé é apedrejado em Juazeiro; ataques acontecem desde 2015. Correio. 27/08/2018. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/terreiro-de-candomble-e-apedrejado-em-juazeiro-ataques-acontecem-desde-2015/>. Acessado em 24 abril



2022

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte**: Padê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. Universidade Federal da Bahia. Petrópolis, Vozes, 1986.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, Editora Vozes, 2017.

SANTOS, Renato Emerson. Ativismos Cartográficos: Notas sobre formas e usos da representação espacial nos jogos de poder. **Revista Geográfica de America Central**. Número especial ECAL, 2011, Costa Rica. II Semestre, 2011, p. 1-17. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2299>. Acesso em: 10 dez 2020.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. As Ong 's de mulheres negras no Brasil. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 2, jul/dez, 2009, p. 275-280.